

Numa cidade distante, as pessoas viviam atrás de altas muralhas, onde guardavam os seus tesouros mais preciosos. Ao longo dos anos, foram armazenando comida, objetos de valor e lembranças, sempre na esperança de garantir o futuro. Guardavam grãos, frutas, legumes e outros alimentos. Também havia ferramentas, moedas e vários artigos artesanais, todos guardados com cuidado para preservar o seu valor. Guardavam ainda também recordações pessoais—cartas, heranças de família e objetos com grande valor sentimental, lembranças de tempos partilhados. No entanto, as pessoas raramente saíam de casa, com medo que, se se aventurassem para fora, alguém pudesse roubar o que tinham reunido.

Com o tempo o que tinham armazenado começou a perder valor. A comida foi apodrecendo, as ferramentas e moedas começaram a enferrujar, e as lembranças, que antes traziam felicidade, traziam agora tristeza e saudade. Estas coisas aconteciam lentamente, portanto as pessoas tinham resistência em admitir que aquilo que tanto valorizavam estava a desaparecer.

Um dia, um homem chegou à cidade e reparou no estado das coisas. Chamou pelas pessoas, elas espreitaram de trás das muralhas, desconfiadas, com medo de que ele viesse roubar o pouco que tinham. Como o homem não trazia nada consigo, começou a cuidar da terra negligenciada fora das muralhas. Regou as plantas, limpou o lixo acumulado e plantou sementes. As pessoas observavam-no de longe, sem entender. Alguns sussurravam que ele era louco, outros que estava a tentar enganá-los, e outros ainda simplesmente não sabiam o que pensar.

O homem foi embora, e as pessoas voltaram às suas vidas, ignorando o que ele tinha feito. Com o passar dos meses, isso foi-se repetindo. Cada vez que vinha, regava as plantas, podava as árvores e colhia os poucos frutos que existiam. As pessoas continuavam a observar com medo e desconfiança. Entretanto, o que tinham dentro de portas ia diminuindo—os alimentos apodreciam, as ferramentas enferrujavam, e as lembranças desfaziam-se—enquanto lá fora as plantas cresciam. A cada visita, as pessoas tornavam-se mais receosas, a desconfiança em relação ao homem, como as plantas, crescia, e as pessoas no seu desespero mais intensamente se agarravam ao que pensavam ter.

As plantas deram fruto e, um dia, quando a fome se tornou insuportável, algumas pessoas decidiram aventurar-se e colher os frutos que lá cresciam. Encontraram uma nota que dizia: "Ao próximo viajante que encontrar este lugar: as pessoas aqui são estranhas, escondem-se atrás das suas muralhas como se estivessem doentes. Talvez tenham medo de contagiar os outros, ou pensem que devem sofrer sozinhas. Colhe os frutos que quiseres porque não devo voltar a passar por cá."

As pessoas leram a nota e, embora alguns ficassem perplexos, outros perceberam um pouco da verdade que havia nas suas palavras. Uma pessoa curiosa, movida pelo que leu, tentou convencer os outros a sair e tratar do espaço exterior. Mas muitos recusaram, ainda presos ao medo e à dúvida. Eventualmente, desistiu de os persuadir. E decidiu deixar a cidade e ir à procura de quem havia lá passado para entender de onde vinha.

Abanou a cabeça e pensou: 'O que guardamos já está a desaparecer. Em breve, não teremos nada. Mas o que cuidamos em conjunto vai continuar.'

Então, cansado de tentar convencer os outros, aventurou-se para além das muralhas, seguindo o caminho que o viajante tinha tomado, na esperança de o encontrar e entender melhor o que ele andava a fazer. Enquanto viajava para a próxima cidade, levava consigo a memória do que havia acontecido, esperando que talvez ao encontrar o viajante pudesse aprender com ele.

A cidade continuou atrás das muralhas, as pessoas ainda agarradas ao pouco que lhes restava. Alguns sentiram-se tentados pelos frutos, mas o medo deteve-os, e observavam agora um dos seus a partir, desaparecendo no horizonte. Dias tornaram-se semanas, e nem o viajante nem o curioso voltaram.

Eventualmente, o curioso chegou a outra cidade, muito parecida com a sua. As pessoas lá também viviam atrás de muralhas. Lembrando-se do que o viajante fizera, o curioso começou a cuidar da terra fora das muralhas. Regou as plantas, limpou os detritos e plantou sementes, exatamente como tinha visto fazer. As pessoas da nova cidade observavam-no, desconfiadas e perplexas, tal como o seu próprio povo. Mas ele continuou, e seguiu caminho.

As estações passaram, e o curioso foi de cidade em cidade, sempre fazendo o mesmo—plantando, regando e cuidando da terra fora das muralhas. Em cada lugar, sem saber muito bem porquê, deixava notas, encorajando as pessoas a saírem das muralhas e partilharem o que estava a crescer. E lentamente, em cada lugar, as pessoas começaram a aventurar-se, movidas pelas suas necessidades.

Eventualmente, chegou a uma cidade onde as coisas eram diferentes. Aqui, as pessoas já tinham saído das muralhas. Tinham começado a trabalhar juntas, a cuidar das plantas, a partilhar os frutos e a encontrar sombra debaixo das árvores. Foi o primeiro lugar onde a mensagem tinha verdadeiramente criado raízes. Viu as pessoas a rir, a trabalhar lado a lado, crianças a brincar, e soube que a jornada tinha valido a pena. Juntou-se a elas, ajudando no que podia, embora por vezes não tão rápido como gostaria. Mesmo assim, encontrou finalmente o sentido que o viajante parecia conhecer.

Entretanto a cidade que ele deixara para trás também começou a mudar. As plantas que o viajante tinha cuidado ainda davam fruto, mesmo sem ele lá. Uma a uma, as pessoas começaram a sair, hesitantes no início, mas movidas pela fome que já não conseguiam ignorar. Colheram os frutos e encontraram sombra debaixo das árvores que ele tinha plantado e, por um momento, sentiram que finalmente tinham tudo o que precisavam.

Entre os ramos de uma das árvores, encontraram outra nota que dizia: "O homem que esteve aqui mostrou-nos que tudo o que precisamos já está aqui, mas recusamos ver isso. Eu fui procurá-lo, para compreender melhor. Entretanto, partilhem o que têm e talvez encontrem mais do que aquilo que perderam."

As pessoas leram a nota e, embora ainda tivessem medo, deu-se uma mudança. Lentamente, saíram das muralhas, não todas de uma vez, mas uma a uma. Começaram a cuidar das plantas e a partilhar o pouco que tinham uns com os outros. Não foi uma transformação milagrosa, mas foi um começo. E, enquanto trabalhavam juntas, perceberam que talvez, só talvez, houvesse mais para preservar fora das muralhas do que dentro delas.